

DÓLAR

Quem incentiva o câmbio negro? É o governo, diz Camilo Pena.

Apesar dos protestos dos agentes de viagem contra a redução do limite para a compra de dólar no câmbio oficial pelos turistas, o ministro da Indústria e Comércio, Camilo Pena, não acredita que essa medida provoque problemas tão sérios como os previstos pelo setor. Segundo ele, o maior estímulo para o funcionamento do mercado paralelo do dólar no País está sendo dado pelo próprio governo, na medida em que ele incentiva a entrada de dólares via turismo externo.

— A Embratur — disse Camilo Pena — vai trazer muitos turistas ao País, porque nos próximos dias vão começar os vôos charter da Pan Am e da American Airlines e será possível, assim, jogar dólar no mercado do câmbio negro, que vai alimentar o turista interno para sair. Por isso, não vejo uma crise tão séria.

A indústria de turismo, entretanto, tem, desde ontem, mais um motivo para reclamar. Por determinação do ministro dos Transportes, Cloraldino Severo, os navios estrangeiros de turismo que vierem ao Brasil não podem mais excursio-

nar pela costa com turistas brasileiros.

Segundo o Ministério dos Transportes, a proibição da cabotagem para navios estrangeiros foi determinada pela evasão de divisas provocada pela contratação, todos os anos, por parte das agências de turismo, de navios estrangeiros que não trazem turistas para o País e recebem em dólar. O custo de cada navio é de US\$ 50 mil por dia. "A média de contratação é de seis navios por ano e, se cada um deles fica aqui noventa dias, são US\$ 27 milhões por navio, por ano", calcula o superintendente da Sunamam, almirante Jonas Correa da Costa.

O mercado paralelo do dólar registrou ontem, no Rio, comportamento estável em relação ao dia anterior, uma vez que as cotações permaneceram inalteradas. A moeda norte-americana abriu e fechou cotada pelas principais casas de câmbio que operam no black a Cr\$ 1.200,00 para compra e a Cr\$ 1.250,00 para venda.

Segundo os cambistas cariocas, contribuiu para essa estabilidade a retração dos vendedores, provoca-

da pela expectativa de melhores preços.

O Banco Central também está retendo os dólares encaminhados para o pagamento de fornecedores e isto poderá acarretar a suspensão do envio de matéria-prima, com prejuízos ao setor calçadista, segundo afirmou ontem, em Porto Alegre, o presidente da Associação Brasileira de Indústrias de Componentes Sintéticos (Assintecal), Renato Kunst. Mas, além dessa, há outra ameaça às exportações de calçados brasileiros, que até julho último tiveram um incremento superior a 26%, com relação aos seis primeiros meses do ano passado: o aumento excessivo do preço do couro.

Depois da comunicação 851, de julho passado, os dólares encaminhados por cerca de 12 indústrias de produtos sintéticos, para pagamento de matérias-primas importadas — especialmente borracha sintética, neoprene e resinas de poliuretano —, permanecem retidos pelo Banco Central. Os pagamentos trancados representam US\$ 800 mil.